



Por Dentro de uma Oficina de Vídeo: Educomunicação e Audiovisual¹

Maurício Elias de OLIVEIRA²
Prof.^o. Dr. Adeldo Rodrigues GONÇALVES³
Centro Universitário Monte Serrat, Santos, SP

RESUMO

Para muitos, o cinema pode ser uma mera diversão. Mas para alguns especialistas, serve também para transformação pessoal. As Oficinas Kinoforum de produção audiovisual, atuando desde 2001, em São Paulo, e as oficinas Querô, desde 2006 em Santos, estão rompendo alguns paradigmas pedagógicos, além de formar olhares capazes de se desenvolverem e despertar potenciais. Cumprem, assim, um papel fundamental na Comunicação Social, direcionando jovens sem oportunidade ao encontro do conhecimento científico. As oficinas de vídeo se destacam por levantar a bandeira da responsabilidade social, o que indica o rompimento de fronteiras, dando oportunidades a jovens que antes possivelmente não as encontrariam. As oficinas de vídeo, portanto, facilitam o acesso à tecnologia, à informação e, conseqüentemente, ao conhecimento, alterando hábitos, tornando-os mais autônomos e dinâmicos.

PALAVRAS-CHAVE: educomunicação; alfabetização audiovisual; oficinas de vídeo; responsabilidade social; conhecimento científico.

INTRODUÇÃO

É inegável que a informação ficou mais fácil no dias de hoje. No entanto, a qualidade dessa informação é bastante questionável. Fenômenos midiáticos bombardeiam e invadem as casas a todo instante, seja pelo rádio, televisão, Internet e até mesmo por terceiros. Contudo, a cada ano, jovens e adultos lêem menos.

Vale lembrar que os dados da última pesquisa feita em 2005 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que 75% dos brasileiros são analfabetos funcionais, ou seja, sabem ler, mas não compreendem corretamente o conteúdo da informação.

Pesquisas realizadas pelo Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) da Escola da Comunicação e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP) mostram um dos caminhos: aproximar as disciplinas da Educação e da Comunicação Social. Essa

¹ Trabalho submetido ao XV Expocom, na categoria B Jornalismo, modalidade processo, como representante da Região Sudeste.

² Aluno líder do grupo - Curso de Jornalismo da UNIMONTE, e-mail: mauricio.mundocultural@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UNIMONTE, e-mail: marilizadelto@uol.com.br.



disciplina chama-se Educomunicação, pois utiliza os meios de comunicação – TV, rádio, jornais, revistas, Internet e cinema – como complemento no programa escolar.

O cinema digital vem ao encontro dessa realidade. Atualmente, apenas 5% das cidades brasileiras contam com salas de cinema. São pouco mais de 1200, num País com mais de 190 milhões de habitantes. Mas isso não constitui obstáculo porque o cinema digital pode alcançar grande número de pessoas em pouco tempo.

Não pode o comunicador, portanto, ficar sonhando com a utopia de uma distribuição de renda mais equânime, quando, na verdade, é preciso resolver antes o problema histórico-social da comunicação. A população jovem precisa de um resgate cívico-cultural que envolva trabalho, saúde e amor para o seu desenvolvimento humano e científico, ou seja, necessita de uma forma de transmissão do conhecimento em caráter comunitário, abrangendo a prestação de serviço e entretenimento.

2 OBJETIVO

É preciso saber romper com o tradicional e inovar, utilizando-se uma linguagem com a qual o jovem se identifique. Com isso, é possível fazer esse jovem resgatar sua identidade local, mantendo-a viva, ao passá-la para os mais novos.

Método eficiente, a Educomunicação audiovisual tem apresentado resultados consideráveis. A compreensão deste modelo e os motivos serão expostos neste trabalho da seguinte maneira: 1) depoimentos de pedagogos especialistas no assunto; 2) bastidores de uma oficina de vídeo.

Pretende este trabalho também responder a esta questão: como a Educomunicação audiovisual pode formar olhares adolescentes menos alienados pela televisão, tornando-os mais críticos e objetivos na busca do conhecimento científico?

3 JUSTIFICATIVA

3.1 Educomunicação

O Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP), sob orientação do professor Ismar de Oliveira Soares, vem desenvolvendo pesquisas sobre o tema Educomunicação desde 1997, envolvendo pesquisadores e profissionais da Comunicação e de Educação de toda América Latina.

Esta disciplina chama-se Educomunicação exatamente porque procura aproximar as disciplinas de Educação e da Comunicação Social, utilizando os meios de comunicação



– TV, rádio, jornais, revistas, Internet e cinema – como complemento no programa escolar.

“É o conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, tais como escolas, centros culturais, emissoras de rádio e TVs educativas, centros produtores de materiais educativos analógicos e digitais, centros de coordenação de educação a distância ou e-learning e outros” (SOARES, 2000).

(...) A inter-relação comunicação e educação trabalham “a partir de um substrato comum que é a ação comunicativa no espaço educativo, ou seja, a comunicação interpessoal, grupal, organizacional e massiva promovida com o objetivo de produzir e desenvolver ecossistemas comunicativos através da atividade educativa e formativa”. (SOARES, 2002a).

Foram observados dois projetos que atuam periodicamente no Estado de São Paulo. Ambos são oficinas de produção audiovisual, mais precisamente curtas-metragens. As oficinas Kinoforum em São Paulo e as oficinas Querô em Santos encaixam-se perfeitamente neste conceito. A Kinoforum é patrocinada pela Petrobrás. As oficinas Querô têm entre seus patrocinadores o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef).

3.2 Responsabilidade social

É um tipo de linguagem que pode ser utilizado de forma positiva com conteúdo dirigido por comunicadores capacitados, que cultivem os valores que devem nortear a sociedade: respeito, honestidade, dinamismo, eficácia e cidadania. Trata-se de ação importante que contribui na formação de uma pessoa esclarecida, tornando-a apta a lutar por uma melhor condição e uma sociedade organizada.

“Todo conhecimento comporta o risco do erro e da ilusão. A educação do futuro deve enfrentar o problema de dupla face do erro e da ilusão. O maior erro seria subestimar o problema do erro; a maior ilusão seria subestimar o problema da ilusão. O reconhecimento do erro e da ilusão é ainda mais difícil, porque o erro e a ilusão não se reconhecem, em absoluto, como tais. Erro e ilusão parasitam a mente humana desde o aparecimento do Homo sapiens. Quando consideramos o passado, inclusive o recente, sentimos que foi dominado por inúmeros erros e ilusões. Marx e Engels enunciaram justamente em *A ideologia alemã* que os homens sempre elaboraram falsas concepções de si próprios, do que fazem, do que devem fazer, do mundo onde vivem. Mas nem Marx nem Engels escaparam destes erros”. (MORIN, 2003, p.19).

Como se sabe, com o advento da tecnologia digital, ficou menor a distância que separa o professor do aluno. Nesse sentido, o cinema digital parece destinado a exercer um



papel decisivo, pois pode levar com maior eficiência a mensagem que se quer passar. Além disso, é possível contar com o apoio de programas do governo do Estado.

“O desenvolvimento do conhecimento científico é poderoso meio de detecção dos erros e de luta contra as ilusões. Entretanto, os paradigmas que controlam a ciência podem desenvolver ilusões, e nenhuma teoria científica está imune para sempre contra o erro. Além disso, o conhecimento científico não pode tratar sozinho dos problemas epistemológicos, filosóficos e éticos. A educação deve-se dedicar, por conseguinte, à identificação da origem de erros, ilusões e cegueiras”. (MORIN, 2003, p.21).

Recorde-se que o desafio da globalidade é também o desafio da complexidade. O conhecimento progride, principalmente, pela capacidade de contextualizar e englobar. É de ressaltar ainda que a informação deve ser dominada pelo conhecimento, que deve sempre ser revisitado pelo pensamento. Afinal, o pensamento é o bem mais precioso do indivíduo e da sociedade.

3.3 Alfabetização audiovisual

Como crianças e adolescentes matriculados em escolas públicas, sem acesso à tecnologia e ao conhecimento científico e sem estímulo à leitura, enfrentarão as dificuldades do mundo moderno? Mais importante: como farão uma leitura contextualizada da situação atual de seu ecossistema?

A partir dessas questões, estudiosos concluem pela necessidade da equalização do acesso à tecnologia, à informação e ao conhecimento. Afinal, não existem países ricos com culturas pobres. Embora esse conceito da Educomunicação não seja tão explorado por educadores no ensino médio e por jornalistas, se não ocorrer o envolvimento de todos na luta pela evolução dos jovens, sem dúvida, as futuras gerações deste País estarão condenadas a uma guerra civil entre dois exércitos: o dos ignorantes e o dos pouco inteligentes.

Entender como o cinema digital pode evitar esse destino trágico é tarefa urgente e fundamental. Afinal, constitui ferramenta que, colocada a serviço do conhecimento, pode mudar a trajetória da vida de um adolescente.

Seja como for, esse processo de desconstrução da mídia, através da educomunicação audiovisual, deve existir para proporcionar uma melhor visão sobre a realidade e incentivar a leitura e a busca do conhecimento. E, sobretudo, para registrar as condições de vida dos habitantes e diagnosticar as necessidades culturais.

“Daí decorre a necessidade de reconhecer na educação do futuro um princípio de incerteza racional: a racionalidade corre risco constante, caso não mantenha vigilante autocrítica quanto a cair na ilusão racionalizadora. Isso significa que a verdadeira racionalidade não é apenas teórica, apenas crítica, mas também autocrítica”. (MORIN, 2003, p.24).

Dessa maneira, o cinema digital pode se transformar num instrumento facilitador e qualificador, abrindo possibilidades para que as populações menos favorecidas obtenham maiores condições de acesso à sociedade moderna, o que significará uma melhora na qualidade de vida dos jovens cidadãos.

Como o desenvolvimento cultural está umbilicalmente ligado ao desenvolvimento humano, à possibilidade de se usar o audiovisual como ferramenta para registro e discussão em sala de aula abre grandes perspectivas para um ensino mais atraente e capaz de obter resultados mais rápidos e eficientes junto aos alunos. Sem contar que possibilita maior acesso à produção artística local, permitindo que os alunos tenham contato direto com a sua realidade.

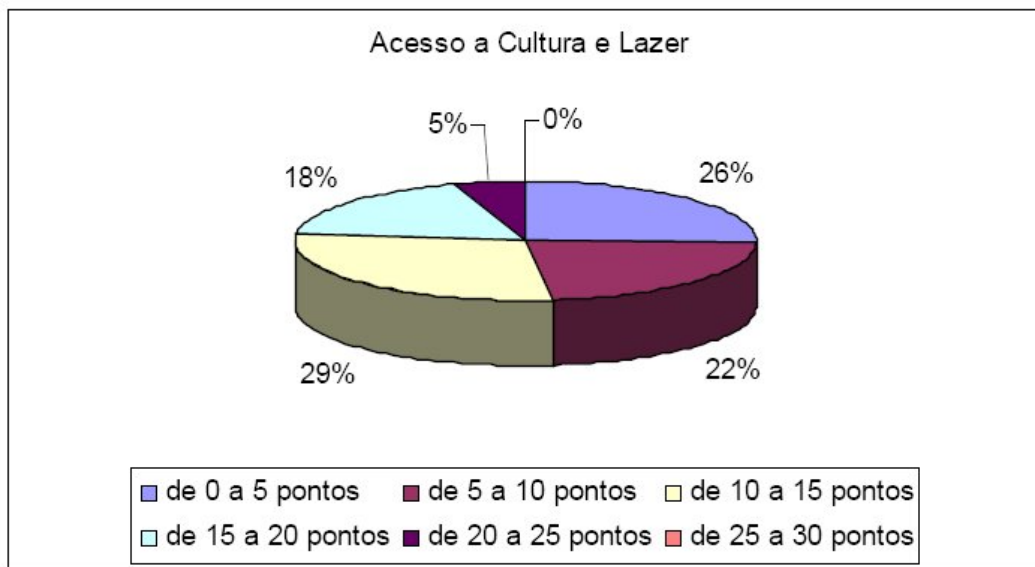
3.3.1 Contribuição do cinema para educação do futuro

Durante as gravações, o coordenador das oficinas Kinoforum, o cineasta Christian Saghaard, forneceu ao autor deste trabalho a pesquisa realizada para avaliação das oficinas feita pela socióloga Adriana Campos em julho de 2006. Essa pesquisa foi desenvolvida por meio de questionário com cem jovens ex-alunos da oficina. Observando o gráfico 17, que aponta o acesso à cultura e lazer, constata-se um alto índice de exclusão.

O índice de acesso à cultura e lazer pressupõe as atividades realizadas individualmente pelos entrevistados e/ou as atividades que esses realizam com seus familiares. O acesso às atividades culturais e de lazer é elucidado por uma escala que varia 1 a 30 pontos, como se pode verificar abaixo:

“Viajar: 3 pontos - Frequentar clube esportivo: 2 pontos - Assistir TV: 1 ponto - Ir ao cinema: 3 pontos - Usar a Internet como fonte de informação e entretenimento: 2 pontos - Conversar na rua: 1 ponto - Ouvir música: 1 ponto - Alugar DVD: 2 pontos - Não sai de casa : 0 ponto - Ir ao shopping: 2 pontos - Frequentar parques: 3 pontos - Fazer passeios culturais em museus e equipamentos afins: 3 pontos - Ler livros fora dos requeridos pela escola: 3 pontos - Ir a balada: 1 ponto - Jogar vídeo game: 1 ponto - Outros: 2 pontos”. (CAMPOS, 2006, p. 37).

Acesso à cultura e lazer



“O que se pode notar é um alto percentual dos indivíduos que não têm acesso a equipamentos e dispositivos culturais, ou seja, 48% dos indivíduos da amostra estão na faixa de 0 a 10 pontos da escala de acesso à cultura e lazer. Ao se considerar a distribuição de equipamentos culturais públicos e privados da cidade de São Paulo, podemos inferir que o quadro apresentado acima não se revela surpreendente. O indicativo possível para essa questão pode encontrar lugar nos argumentos e índices que apontam para uma baixa correspondência entre crescimento urbano/populacional e a distribuição dos equipamentos culturais. É claro que os dados e análise aqui apresentados não levam em conta as práticas culturais não legitimadas, quais sejam a diversidade dessas – desde Hip Hop, a coral de igreja, entre outros. No entanto, tais práticas, mesmo que culturalmente significativas, ainda encontram poucos espaços para sua produção e difusão. Daí a importância da presença das Oficinas nesses locais, atingindo seus moradores. As oficinas oferecem justamente os meios e condições necessárias para que essas formas culturais não legitimadas encontrem novos meios de realização”. (CAMPOS, 2006, p.38).

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O autor deste trabalho fez uma vídeo-reportagem denominada “Por dentro de uma oficina de vídeo” em que foram entrevistados os idealizadores, os coordenadores pedagógicos e, por fim, os jovens que são os mais afetados positivamente por todo o processo. Para verificar os resultados, foram colhidos os depoimentos e as imagens utilizados para ilustrar este trabalho. Ao mesmo tempo, realizou-se um estudo com o objetivo de mostrar as mudanças em relação ao comportamento dos que participam desse processo de aprendizado.



5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO

Uma pesquisa bibliográfica. Pesquisa na Internet. Contatos com coordenadores, diversas fontes levantadas durante um período de quase um ano. O que possibilitou a execução de um pré-roteiro. A partir daí, foram realizadas várias entrevistas para elaboração do texto gravado em OFF. A captação de imagens nos locais de trabalho, ampliando o nível da pesquisa. Os equipamentos: câmera de vídeo digital, gravador de som digital, máquina fotográfica digital, tudo definido no mesmo padrão utilizado pelo cinema digital, dando uma originalidade ao trabalho. Na fotografia, planos de captação das imagens seguem um padrão de formato documentário, com liberdade do uso da semi-ótica. Quando enquadrados os idealizadores e realizadores do projeto, os planos de captação foram determinados, padrão. De acordo com a formação, quanto aos jovens aprendizes, planos mais desconstruídos, ousados. Com maior dimensão de campo, e localização. A escolha das músicas usadas na ilustração fecha o recorte do trabalho audiovisual. Estão diretamente ligadas ao contexto específico, além do apelo a formação intelectual. É evidente um discurso de questionamento pouco encontrado nas atuais letras e melodias da indústria fonográfica nacional.

6 CONSIDERAÇÕES

O autor deste durante todo o ano de 2007 pesquisou sobre o tema Educomunicação audiovisual, acompanhando os projetos denominados oficinas Kinoforum e oficinas Querô, com o objetivo de aprofundar-se na questão das oficinas de vídeo.

O formato vídeo-reportagem foi escolhido por ser uma linguagem de fácil entendimento e com maior poder de penetração. Ao longo deste último semestre, foram tomados os depoimentos dos personagens e as informações foram editadas, resultando em 19 minutos de vídeo, em formato digital.

O que mais chamou a atenção nesse processo de comunicação, neste universo de trabalho, após várias entrevistas e longo estudo, é também o que responde às questões iniciais desse projeto.

- Como crianças e adolescentes matriculados em escolas públicas, sem acesso à tecnologia e ao conhecimento científico, e sem estímulo à leitura, enfrentarão as dificuldades do mundo moderno? Mais importante: como farão uma leitura contextualizada da situação atual de seu ecossistema?



- *Como a Educomunicação audiovisual pode formar olhares adolescentes menos alienados pela televisão, tornando-os mais críticos e objetivos na busca do conhecimento científico?*

Por isso, entende-se que a educomunicação áudio visual dá direcionamento para transformar o indivíduo, capacitando-o a identificar melhor a informação, melhorando sua percepção dos signos do meio em que ele vive. Em outras palavras: isso é a alfabetização audiovisual. E, certamente, o que é mais importante: é um estímulo ao pensamento, favorecendo, assim, o crescimento da vontade de saber mais.

Nos tópicos [3.1, 3.2, 3.3, 3.3.1] consta o embasamento da pesquisa que é fundamentada em cima de uma publicação de Edgar Morin, o livro **Os sete saberes necessários à educação do futuro**, editado pela Unesco em 2003, em que o autor relata os diversos problemas e aponta caminhos para o desafio da educação no mundo moderno.

Nos quase quatro anos como acadêmico de Jornalismo, em meu dia-dia tanto pela televisão quanto nas ruas, deparei-me com todos os tipos de acontecimentos, bons e ruins.

Estes variaram desde o cumprimento de uma agenda política, como as eleições municipais, estaduais e federais, como as coisas banais da vida. Mas o pior foi o crescimento das mazelas da sociedade, as estatísticas negativas, a violência, a corrupção. Cada vez mais se desrespeita o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Constatei em minhas pesquisas um grande lapso na educação do País, um grande problema de comunicação. Como alfabetizar funcionalmente, e multifuncionalmente a população? Quais são as conseqüências de uma má educação que já estão vindo à tona e atingindo a todos. Jovens amontoados em cadeias e outros tantos que freqüentam lugares pouco recomendáveis aprendem regras e leis de cartilhas escritas pela ignorância e pelo narcotráfico. Uma frase do educador norte-americano Derek Bok encaixa-se bem no contexto do nosso País: *Se você pensa que a educação é cara, experimente a ignorância...*

Por dentro de uma oficina de vídeo é apenas um fragmento ou mais uma vídeo-reportagem que tem por objetivo principal, levar ao conhecimento do maior número de pessoas, acadêmicas ou não, projetos que visam, acima de tudo, sensibilizar a percepção a favor do conhecimento e da democracia.

Mais do que isso: ressaltar a importância das novas tecnologias e linguagens. E, ainda, mostrar que é possível aos comunicadores a utilização dessas novas ferramentas digitais para levar a educação ao maior número de pessoas possível. E, por último, mas não



menos importante: encontrar novos comunicadores tanto no ensino médio quanto no ensino universitário.

Não é possível afirmar que é uma regra a inclusão no mercado de trabalho, mas que isso vem acontecendo, não há dúvida. Pode-se dizer ainda que a oficina de vídeo é um instrumento facilitador e qualificador. Uma tarefa importante para os que buscam uma transformação social.

REFERÊNCIAS

Bibliografia:

MORAES, Maria Cândida. O paradigma educacional emergente, 7ª ed. Campinas: Editora Papirus, 2003. 239p.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro, 8ª ed. São Paulo: Unesco/Cortez, 2003. 118p.

SCHAUN, Angela. Práticas educomunicativas. Rio de Janeiro: Mauad, 2002. 168p.

_____. Educomunicação: reflexões e princípios. Rio de Janeiro: Mauad, 2002. 245p.

ARMES, Roy. On Vídeo: o significado do vídeo nos meios de comunicação. São Paulo: Editora Summus, 1999. 213p.

COMPARATO, Doc. Da criação ao roteiro: o mais completo guia de arte e técnica de escrever para televisão e cinema. Rio de Janeiro: Rocco, 1995. 486p.

LABAKI, Amir. Introdução ao documentário brasileiro. São Paulo: Francis, 2006. 123p.

WATTS, Harris. On camera — o curso de produção de filmes da BBC. São Paulo: Editora Summus, 1990. 280p.

_____. Direção de câmera: um manual de técnicas de vídeo e cinema. São Paulo: Editora Summus, 1999. 107p.

Filmes/ Documentários/ Curtas-metragens:

CAPRA, Fritjof. Film: O Ponto de Mutação, 1982.

CHASSE, Betsy; VICENTE, Mark; ARNTZ, William. Documentário. What The Bleep do we Know? (Quem Somos Nós?), Play arte, 108 min, EUA, 2005.

CORTEZ, Carlos. JOVENS, Oficinas. Documentário, curta-metragem. Eu fiz Querô, Gulanne filmes, 10 min, Brasil, 2006.

CASTRO, Samuel. Documentário. Torto, Oficinas Querô, 13 min, 2006.



SILVA, Eduardo Bezerra. Documentário. Maria Capacete, Oficinas Querô, 20 min, Brasil, 2006.

Direção Coletiva. Curta-metragem. Cão De Fogo. Oficinas Kinoforum (SP) / 5min / Mini-Dv / Ficção

Sites:

Escola Técnica Estadual Adolpho Bloch. A produção de audiovisual à luz da educomunicação. <Disponível em:

<http://www.midiativa.org.br/index.php/midiativa/content/view/full/2062>.

Acesso em: 15 set.2007>.

Kinoforum. <Disponível em: <http://www.kinoforum.org/oficinas/texto.php>.

Acesso em: 15 ago.2007>.

Kinooikos. <Disponível em: <http://www.kinooikos.com/>.

Acesso em: 15 ago.2007>.

Oficinas Querô. <Disponível em: <http://www.oficinasquero.com.br/>

Acesso em: 15 ago.2007>.

Educomunicação. <Disponível em: <http://www.pucsp.br/tead/n1a/artigos2/artigo2b.htm/>

Acesso em: 15 ago.2007>.